

UMA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA FRANCÓFONA

JORGE GASPAR (2)

A Geografia de língua francesa tem vindo a evidenciar nos últimos anos uma grande pujança, capacidade de modernização e de re-inserção, tanto no domínio do ensino e investigação, como no das aplicações práticas.

Este "renascimento" deve-se em grande medida às virtualidades que a francofonia proporciona: a cooperação entre os geógrafos dos vários países em que o francês é uma das línguas oficiais e de cultura em simultâneo com outros, tem permitido uma diversificação e actualização de perspectivas dos geógrafos de língua francesa em que, naturalmente, a França desempenha um papel central. Assim, o Canadá, a Suíça, a Bélgica, entre outros países francófonos, têm dado importantes contributos e permitido interessantes experiências através do encontro e da prática de geógrafos de diferentes origens, que à partida têm em comum o francês como instrumento básico de investigação científica.

Por outro lado, este cruzamento de experiências tem proporcionado o encontro com outras disciplinas e a maior

(2) Professor Catedrático da Universidade de Lisboa, colaborador do Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa 1699 Lisboa Codex. Tel:(351-1) 794 02 18 Fax:(351-1) 793 86 90

participação francófona nos grandes acontecimentos geográficos internacionais.

A nova Geografia Universal (3) e a recente Encyclopédie de Géographie (E.G.) (4), não só pelos autores envolvidos, mas também pelos conceitos, temas e formas de abordagem, são resultados destacáveis daquela nova realidade da Geografia de língua francesa.

A novíssima enciclopédia, apresentada em Outubro de 1992 durante o Festival Internacional de Geografia de Saint-Dié-Des-Vosges, constitui uma homenagem ao Cartógrafo Vautrin Lud que em 1507, naquela cidade do leste da França, inscreveu o nome *América* pela primeira vez numa Carta, que fazia parte da *Cosmographiae introductio*, que produziu em colaboração com o cosmógrafo Waldseemüller.

A clarividência, dinamismo e cultura do "Député-maire" de Saint-Dié-des-Vosges, Christian Pierret, transformaram esta cidade de apenas 25.000 habitantes, numa referência fundamental do encontro entre geógrafos sobretudo da francofonia, mas também de outros falares.

Além da secção de bibliografia geral e dos índices, a E.G. está organizada em três partes: 1. A Geografia no Domínio das Ciências; 2. Os Conceitos da Geografia; 3. A Geografia e o Mundo Contemporâneo. São ao todo 58 ensaios, entregues a 60 nomes consagrados, da Geografia e de domínios afins, onde o território tem um papel relevante, que permitem ao mesmo tempo uma visão integrada da Geografia enquanto Ciência Social e o levantar dos problemas maiores com que a Humanidade se debate no campo da ocupação e organização do espaço.

Após a introdução dos directores, em que se apresentam o contexto e os objectivos ("... apresentar num volume, a variedade e a riqueza do pensamento da geografia contemporânea no movimento das ciências"), Philippe Pinchemel abre a 1ª parte com um breve e esclarecedor ensaio sobre a história da geografia "A aventura geográfica da terra". Como nos diz, trata-se de "uma história que acompanha a humanidade", de uma ciência que, como o Mundo, se vai tornando mais complexa e cuja identidade é mais difícil de precisar mas, em contrapartida, a sua necessidade é crescente, na medida em que as "sociedades humanas se confrontam hoje com problemas fundamentalmente geográficos".

(3) Géographie Universelle (1991) sob a direcção de Roger Brunet, Hachette, Paris.
 (4) Encyclopédie de Géographie, sous la direction de Antoine Bailly, Robert Ferras et Denise Pumain, Economica, Paris, 1992, 1132 pp.

Seguem-se dois capítulos sobre o conteúdo da geografia ("Geografia e Ecologia Humana" de Claude Raffestin e "Epistemologia da Geografia" de Marie-Claire Robic), que com um conjunto de breves reflexões sobre a Geografia ao longo dos tempos e dos autores ("Geografia e espírito das leis", selecção de M.C. Robic) que pretendem precisar e actualizar o conceito de Geografia.

Na maior parte dos casos através de geógrafos, mas também com a participação de especialistas de disciplinas afins, a Geografia é discutida em paralelo com ciências com que tem significativas relações interdisciplinares ou que lhe estão a montante, geralmente como fornecedoras de informação elaborada, de modelos ou de conceitos complementares ou assimiláveis pela geografia.

A reter a perspectiva de Raffestin sobre o que chama a *ecogeografia* "que não deve ser considerada só de um ponto de vista do *Umwelt* ("mundo em torno"), mas também do *Mitwelt*" ("... o mundo com")... "Esta eco-geografia a inventar não se destina a substituir a geografia nem a ecologia humana, mas a fornecer modelos adaptáveis às diferentes escalas".

Assim, seguem-se onze capítulos, em que sob diferentes prismas, sem obedecer a um modelo comum de abordagem, a Geografia é contrastada com: a Sociologia (P. Claval), a História (M.V. Mariguier), as Ciências Naturais (C. e G. Bertrand), a Cartografia (S. Rimbart), a Economia e a Ciência Regional (W. Coffey), a Psicologia ("Vers une psycho-géographie", por A. Mols), a Antropologia (G. Santer), a Arqueologia (P. Gentelle), a Literatura (J.-L. Tissier), a Semio-Linguística (L. Mondada e J.-B. Racine) e a Estatística (L. Sanders).

A liberdade de organização deixada aos autores, permitindo os tratamentos mais adequados a cada tipo de "relacionamento", revelou o inconveniente de tornar difíceis as comparações e a localização mais precisa da Geografia num conjunto de saberes com que tem afinidades. Por outro lado, se se foi bastante longe no estabelecimento de superfícies de contacto e interações interdisciplinares, talvez se devessem incluir outras disciplinas com que a Geografia tem crescentes relações e mesmo já uma história em comum, casos da Saúde, do Direito e do Urbanismo.

A primeira parte da Enciclopédia conclui-se com três abordagens que, situando-se ainda na interface da Geografia com outros domínios do saber, discutem questões internas, de conteúdo e método, da própria ciência geográfica. A primeira, de Y. Guermond, trata o tema da "informação, informática e sistemas de informação

geográfica", que em boa medida retoma e é complementar do antecedente ensaio de S. Rimbert sobre Geografia e Cartografia. F. Durand-Dastés, sistematiza e reflecte sobre a utilização dos modelos em Geografia, deixando todavia de fora a necessidade e as perspectivas para um refinamento da modelização em Geografia.

Também muito interessante é o último capítulo sobre "Didáctica da Geografia", vista enquanto "conjunto de técnicas de organização e de gestão do ensino da Geografia". Note-se o facto de a didáctica da Geografia ter, nos últimos anos, ganho importância na investigação, a que corresponderam grandes avanços na prática profissional; esperemos que este progresso contribua, sobretudo nos países onde o ensino da Geografia perdeu peso relativo, para um relançamento e consolidação deste ramo do saber enquanto disciplina formativa ao nível do ensino básico e secundário.

A segunda parte, "Os Conceitos da Geografia", está organizada em 18 capítulos, que não esgotando os temáticos da Geografia, representam bem as principais preocupações da actualidade e, em particular, o estado da arte nos países francófonos. Cabe aqui lembrar que na medida em que a Geografia é entendida nesta obra como Ciência Social, a Geografia Física, enquanto disciplina autónoma, está ausente, aparecendo apenas implícita enquanto portadora de contributos para uma Geografia do Homem e do Social.

Inicia-se a segunda parte com o texto de A. Berque sobre "Espaço, meio, paisagem, ambiente", que são analisados desde as perspectivas correntes, até à evolução mais recente nas abordagens da ciência geográfica. Conclui na procura de uma ecúmena para a geografia.

A. Bailly escreve sobre um tema que lhe é caro, "As representações em Geografia", através de um texto curto e muito sugestivo, retemos alguns sub-títulos: "A objectividade é alienante", "Toda a representação é um acto de criação", "A Geografia, representação do mundo", "Uma Geografia elaborada pelos actores geográficos". Bailly procura mostrar que os geógrafos "como outros investigadores das ciências sociais" se alhearam do mundo, dos seus problemas quotidianos, e que a geografia necessita de se aproximar dos actores para sentir a riqueza dos lugares e das regiões.

Os valores geográficos, no sentido dos valores que relevamos do espaço geográfico são abordados por V. Berdonlay numa perspectiva histórica e epistemológica.

R. Ferras escreve sobre "Níveis espaciais, escalas espaciais...", de novo a relação da Geografia com a Cartografia, mas o mais interessante é o tema que analisa os quatro principais níveis geográficos e a sua escala: multinacionais e escala mundial, o local, as nações (nacionais e nacionalismos), a região ("ou espaço intermediário").

A relação da Matemática com a Geografia, algo estranhamente, não aparece na 1ª parte, mas na 2ª, num contexto operativo, como contributo para a leitura das populações e dos territórios (C. Tricot).

Segue-se uma série de capítulos que podemos considerar mais "clássicos" neste tipo de publicação: "O Povoamento" (D. Pumain), "Os Sistemas Agrários" (C. Moindrot), "A Localização das actividades específicas (C. Manzagol, que introduz aqui a questão do Fordismo e dos novos sistemas produtivos), "A localização das actividades banais" (H. Beguin, que entre outras questões, aborda a teoria dos lugares centrais e a localização óptima), "As redes de transportes e de comunicação (F. Plassard), "A interacção espacial" (T. Saint-Julien).

Dos restantes seis títulos da 2ª parte, três têm um conteúdo mais teórico e conceptual e os outros três tratam mais especificamente a organização do espaço, a diferentes escalas e em distintos contextos. Assim, A. Reynaud aborda "Centro e Periferia", enquanto dois conceitos complementares, evidenciando a sua operacionalidade histórica e geográfica. Maryvonne Le Berre trata o tema "Territórios", numa perspectiva sistémica, introduzindo as dimensões histórica, social e material. Jan Paelink introduz a componente económica do espaço geográfico, através de três abordagens: espaços, paisagens e territórios, mono e interdisciplinaridade.

Denise Pumain em "Sistemas de Cidades" desenvolve os enfoques *Christallerianos*, mostrando a necessidade e a insuficiência da teoria e privilegiando os temas da especialização, da história e tipos de sistemas urbanos. Pierre-Henri Derycke, numa abordagem morfológica e económica aborda "A organização do espaço nas cidades". Por último Olivier Dollfus dá-nos uma síntese actualizada e orientada para a prospectiva da "Geopolítica do sistema mundo".

A terceira parte é constituída por 22 capítulos, muito diversificados, que têm por objectivo pôr em evidência as grandes questões geográficas do mundo contemporâneo. Falta um ordenamento dos vários textos que permitisse uma rápida

compreensão da sequência escolhida, ao mesmo tempo que valorizava os contributos convergentes ou complementares. É, entretanto, possível discernir alguns agrupamentos coerentes.

Assim, os três primeiros capítulos são dedicados aos problemas da urbanização e das cidades: "As metrópoles dos países desenvolvidos" (Guy Di Méo), "Explosão das Cidades do Terceiro Mundo" (Claude Bataillon) e "Urbanização e Desenvolvimento Económico" (Mario Polèse). Partindo de conceitos distintos e sem preocupação de estabelecer paralelismos, as três abordagens não deixam de se enriquecer mutuamente, pela variedade e diferença e pelos problemas que levantam.

O sub-desenvolvimento, a pobreza, a fome e as dificuldades de inserção internacional são tratadas por F. Bust e J.-P. Raison "Os Países menos Avançados" e por D. Kermel-Torrès "A Fome no Mundo".

"As Trocas Internacionais" e "Os Mercados Comuns no Mundo", respectivamente de J.-P. Charvet e de Y. Berthelot, analisam os factores de mundialização das trocas e a nova organização do espaço mundial, de que os mercados comuns constituem o exemplo mais marcado.

Os novos problemas e interrogações da "Europa do Leste" são desenvolvidos por Violette Rey e o turismo é o objecto de duas abordagens contrastadas: "O turismo no Mundo" de G. Cazes (tendências e desafios das novas geografias do turismo) e "A Invenção do Turismo" de Remy Knafo, uma abordagem estimulante, que levanta questões pertinentes sobre as contradições do fenómeno turismo e as suas consequências nas imagens, nos espaços, territórios e sociedade de acolhimento.

Numa posição menos determinante na organização da obra da que entendemos teria sido aconselhável, vem o capítulo sobre "Tensões Demográficas" de Daniel Noin, em que são tratados três problemas fundamentais para a compreensão do que está em jogo no Planeta, neste final de milénio: o excessivo crescimento demográfico do Terceiro Mundo, a estabilização demográfica dos países desenvolvidos e as migrações internacionais massivas.

Seguem-se quatro temas, sugestivos e por vezes inovadores, de geografia cultural: "Religiões no Mundo" de H. Chamussy, "Imaginações e Imaginários Geográficos", de B. Debarbieux, "As Minorias no Mundo" de P. Villeneuve e "As Áreas Linguísticas", de A.-L. Sanguin.

Quatro capítulos dedicados aos riscos e ameaças ambientais constituem um bloco coerente e interessante. O primeiro, de C.-P. Péguy aborda a história, os actores e os conceitos de base dos "Principais Riscos Naturais", concluindo com o debate da questão – *Poderemos "gerir" os riscos?*

P. Gould apresenta uma síntese actualizada e com forte componente metodológica sobre "Epidemiologia e doença", numa perspectiva geográfica.

"A Água no Mundo" de F. Conac, constitui uma síntese equilibrada e bem ordenada sobre um dos maiores problemas que se colocam hoje à Humanidade, da escala local à global. Outro pólo da mesma problemática é-nos introduzido por L. Y. Maystre, que trata a questão dos Resíduos sólidos (os lixos), num curto texto cheio de sugestões, num domínio que decerto vai, no futuro, interessar um número crescente de geógrafos.

Os três últimos capítulos, embora muito diversos, apresentam em comum o facto de questionarem a Geografia e as suas aplicações. Assim, apresentam características de "fecho" da Enciclopédia, finalidade que é abertamente assumida no texto final, de autoria de Pierre George "La Géographie à l'Heure du temps", uma espécie de conclusão que todavia não deixa de validar as palavras finais do autor "... o divórcio entre a vontade de tudo dizer e persuadir, e a insaciável curiosidade do leitor que espera sempre... pela continuação".

A anteceder o final, C. Lacour e S. Puissant fazem uma actualização do tema "Geografia Aplicada e Ciência dos Territórios" e J.-P. de Gaudemar aborda a questão do "Ordenamento do Território", pondo em destaque o que pode ser o importante contributo da Geografia. Do testemunho deste economista prestigiado retemos: "O geógrafo poderia facilmente aparecer como a má consciência do economista. Com efeito, lembra-lhe permanentemente que os fenómenos ou os actos económicos se incarnam ou concretizam não apenas nos preços ou nos tempos, mas também nos lugares. Coloca-o sempre em presença de um espaço desesperadamente não neutro, não-isotrópico".

Esta *Encyclopédie de Géographie* constitui não só uma obra de referência fundamental, como um marco para a Geografia Francesa. Destinando-se a um público variado, não cede no rigor e na actualidade com que os temas são tratados. Uma bibliografia criteriosamente seleccionada – particularmente no que concerne os

autores de língua francesa – e um índice de palavras-chave, conferem-lhe ainda valor como instrumento de trabalho.